

Os deuses do volante

RAUL PILLA

ADVERTIU Alexis Carrel, num livro célebre, que o automóvel estava criando um novo tipo de homem. Nesta cidade do Rio de Janeiro existem, em verdade, duas espécies distintas: a dos que têm automóvel e nêle trafegam, e daqueles míseros seres que andam sôbre os seus próprios pés. Compõe-se a primeira de homens superiores, donos do espaço e das ruas; constitui-se, a segunda daquela ínfima gente que, não tendo automóvel e andando pela via pública, tem tanto direito à vida, como a formiga ou o verme, que o pé do lavrador esmaga. Não possuindo automóvel, nem sabendo guiá-lo, nunca me pude exaltar àquela espécie divina, mas tenho experimentado, abatido e humilhado, o sentimento que ela vota aos pedestres (se lhe atravessam no caminho.

Além desta diferenciação zoológica, o automóvel parece exercer sôbre certas pessoas uma influência comparável à do álcool: liberta certas tendências, que a educação e a sociedade habitualmente contém. Sômente uma ação tóxica sôbre o cérebro poderá explicar a verdadeira perversidade com que certos automobilistas procuram atropelar o pedestre mais ou menos confiante, apenas para ter o prazer, senão de matar, pelo menos de assustar. Entregar a tal gente um automóvel, o mesmo é que pôr uma arma de fogo nas mãos de uma criança ou de um débil mental.

Como proteger a mísera espécie de pedestre, a pobre formiga humana contra os diversos dos deuses do volante?